

Camilla Läckberg

# O Olhar dos Inocentes

Tradução do inglês  
Ricardo Gonçalves



D.QUIXOTE





Tinham pensado remodelar a casa para aliviar a dor. Nenhum dos dois sabia ao certo se seria um bom plano, mas não tinham outro. A alternativa era desistir de tudo e deixarem-se definhar.

Ebba passava o raspador pela parede exterior da casa. A tinta saía facilmente. Já havia começado a soltar-se em grandes lascas, por isso, tudo o que ela tinha de fazer era dar uma ajuda. O sol de julho estava tão quente que tinha a franja colada à testa, húmida de suor, e o braço doía-lhe porque era o terceiro dia consecutivo que se dedicava àquele movimento repetitivo: para cima e para baixo, para cima e para baixo. Mas a dor física era bem-vinda. Quanto mais intensa, mais calava a ferida no seu coração, pelo menos temporariamente.

Virou-se e olhou para Tobias, a trabalhar no relvado à frente da casa, a serrar tábuas. Ele pareceu pressentir que ela olhava para ele, porque ergueu os olhos e levantou a mão numa saudação, como se ela fosse uma conhecida que acabara de encontrar na rua. Ebba deu por si a responder-lhe com o mesmo gesto estranho.

Haviam decorrido mais de seis meses desde que a vida de ambos fora devastada, mas continuavam sem saber como reagir um com o outro. Deitavam-se todas as noites na cama de casal, de costas voltadas, com medo de que algum toque involuntário pudesse desencadear algo com que não saberiam lidar. Era como se o desgosto os preenchesse a ponto de não deixar espaço a outros sentimentos: amor, carinho, empatia.

A culpa, pesada e calada, separava-os. Tudo teria sido mais fácil se pudessem tê-la conseguido definir e remeter para onde pertencia. Mas continuava a ir e a vir, mudando de intensidade e de forma, mudando constantemente o flanco de ataque.

Ebba virou-se de novo para a casa e recomeçou a raspar a parede. Sob as mãos, a tinta branca saía em grandes tiras, revelando as pranchas de madeira por baixo. Afagou a madeira com a mão livre. Aquela casa parecia ter alma. Nunca sentira isso em qualquer outro lugar. A pequena casa geminada em Gotemburgo era praticamente nova quando ela e Tobias a compraram. Nessa época, Ebba adorara o facto de toda a casa parecer brilhar, de ter tido tão pouco uso. Agora, todas essas sensações de novidade pertenciam ao passado e esta casa antiga, com todos os seus defeitos, adequava-se mais à presente situação. Pensou novamente no telhado com goteiras, na caldeira que precisava regularmente de um bom pontapé para funcionar e nas correntes de ar que se infiltravam pelas janelas e tornavam impossível manter uma vela acesa no peitoril. A chuva e o vento também lhe varriam a alma sem piedade, apagando as velas que aí tentava acender.

Talvez a sua alma se pudesse curar aqui em Valö. Não tinha memórias deste lugar, contudo era como se se conhecessem mutuamente, ela e esta ilha que se encontrava mesmo em frente de Fjällbacka. Se fosse até ao cais podia ver a pequena cidade costeira a espriar-se do outro lado do mar. Na base do penhasco de granito íngreme, os pequenos edifícios brancos e as cabanas de pesca vermelhas alinhavam-se como um colar de pérolas. A vista era tão bela que quase doía.

O suor escorria-lhe da testa, os olhos ardiavam-lhe. Limpou o rosto à *T-shirt* e olhou para o Sol. No céu, as gaivotas esvoaçavam em círculos. As aves chamavam-se umas às outras com os seus grasnidos. Os seus apelos misturavam-se com o ruído das lanchas que se deslocavam no estreito. Ebba fechou os olhos e deixou que aqueles sons a levassem para longe. Para longe de si, para longe de...

– Que tal fazermos uma pausa para irmos nadar um bocado?

A voz de Tobias quebrou o ruído de fundo, sobressaltando-a. Ebba abanou a cabeça, confusa, mas depois concordou.

– Claro, vamos a isso – disse, saltando do andaime.

Os fatos de banho estavam pendurados, a secar nas traseiras da casa. Ebba despiu as roupas de trabalho suadas para vestir um biquíni.

Tobias foi mais rápido e esperava-a com impaciência.

– Estás pronta? – perguntou, começando a descer o caminho que levava à praia. A ilha era grande e menos árida do que outras mais pequenas do arquipélago de Bohuslän. O caminho era ladeado por árvores frondosas e ervas altas, e Ebba pisava o chão com força enquanto seguia o marido. Tinha pavor de cobras, pavor que se intensificara há alguns dias quando vira uma víbora a aquecer-se ao sol.

Quando começaram a descer a encosta em direção à água, Ebba não conseguiu deixar de pensar em todos os pés de crianças que tinham percorrido aquele caminho ao longo dos anos. Ainda chamavam ao local «colónia balnear», embora não fosse utilizado como tal desde os anos 30.

– Tem cuidado, vê onde pões os pés – disse Tobias, apontando para umas raízes de árvores que despontavam do chão.

A preocupação de Tobias, que deveria tê-la comovido, pareceu-lhe quase sufocante, e ela fez um esforço redobrado para evitar as raízes. Alguns metros adiante, sentiu areia áspera sob os pés. As ondas açoitavam a orla marítima e ela largou a toalha na areia e dirigiu-se para a água salgada. As algas roçaram-lhe as pernas e o frio repentino deixou-a a arfar em busca de ar, mas depressa se adaptou à temperatura. Nas suas costas, ouviu Tobias a chamá-la. Fingindo não ouvir, continuou a avançar mar adentro. Quando deixou de ter pé começou a nadar e, com apenas algumas braçadas, atingiu a plataforma de mergulho ancorada a poucos metros da praia.

– Ebba! – gritou Tobias da praia, mas ela continuou a ignorá-lo e agarrou a escada. Precisava de um tempo para si. Se se deitasse e fechasse os olhos, podia imaginar-se a naufragar em alto mar. Sozinha. Sem necessidade de prestar atenção a mais ninguém.

Ouviu-o a nadar cada vez mais perto. A plataforma agitou-se quando Tobias a alcançou e ela fechou os olhos com força para o

manter afastado por mais um instante. Queria ficar sozinha. Não queria continuar a partilhar a solidão com Tobias, como acontecia nos últimos tempos. Porque, apesar de estarem juntos, estavam ambos sozinhos. Relutante, Ebba abriu os olhos.



Erica estava sentada à mesa na sala de estar. Parecia que uma bomba tinha explodido e espalhado brinquedos por toda a divisão. Carros, bonecas, animais de peluche e roupas de brincar. Três crianças, todas com menos de quatro anos, eram a principal razão de a casa se encontrar naquele estado. Mas agora que Erica tinha algum tempo para si, sem os filhos, resolvera, como de costume, dar prioridade à escrita e não à arrumação.

Quando ouviu a porta da rua a abrir-se, olhou de relance por cima do computador e viu o marido.

– Olá. O que estás a fazer aqui? Não ias visitar a Kristina?

– Para variar, a minha mãe não estava em casa. Devia ter ligado antes – disse Patrik, descalçando as *Crocs*.

– Tens mesmo de usar essas coisas? Como é que consegues conduzir com isso? – Erica apontou para o horrível calçado que, como se não bastasse, era verde fluorescente. A irmã de Erica, Anna, oferecera-as a Patrik por graça, mas agora ele recusava-se a usar outra coisa.

Patrik aproximou-se dela e deu-lhe um beijo.

– És tão bonita – disse, dirigindo-se depois à cozinha. – É verdade, a tua editora conseguiu falar contigo? Devia ser importante, até me ligaram para o telemóvel.

– Queriam saber se vou à feira do livro este ano, como prometi. Mas ainda não me decidi.

– Claro que vais. Eu tomo conta dos miúdos nesse fim de semana. Já tratei de tudo para tirar esses dias de folga.

– Obrigada – respondeu Erica. Porém, no fundo, ficou irritada consigo mesma por se sentir grata ao marido. Afinal de contas, não

era ela que assumia sempre o comando cada vez que ele era chamado de urgência para ir trabalhar, ou quando os fins de semana, feriados e noites eram interrompidos porque o trabalho não podia esperar? Amava Patrik mais do que tudo, mas às vezes parecia que ele nem reparava que era sobre os seus ombros que recaía a maior parte das responsabilidades com a casa e com os filhos. Erica também tinha uma carreira, que por acaso até era muito bem-sucedida.

Ouvia muitas vezes as pessoas comentarem que devia ser incrível ganhar a vida como escritora. Ser responsável pela sua própria agenda, ser chefe de si própria. Ficava sempre um pouco irritada com estas observações. Por mais que adorasse o seu trabalho e se sentisse uma felizarda, não era tão fácil como todos pareciam pensar. Liberdade não era uma palavra que se pudesse associar ao trabalho de um escritor. Pelo contrário, quando se dedicava à escrita, trabalhava vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Às vezes invejava as pessoas que iam para os seus empregos, trabalhavam as oito horas da praxe e deixavam tudo para trás quando regressavam a casa. Erica nunca podia pôr o seu trabalho de lado e, com o sucesso, chegaram também as exigências e expectativas que era necessário conciliar com o seu papel de mãe de crianças pequenas.

Mas dificilmente podia argumentar que o seu trabalho era mais importante do que o de Patrik. O marido protegia pessoas, solucionava crimes e contribuía para que a sociedade funcionasse melhor, ao passo que Erica escrevia livros que eram lidos como entretenimento. Por isso conformava-se com o facto de ser ela quem habitualmente tirava a palha mais curta, embora por vezes isso lhe desse vontade de gritar.

Com um suspiro, levantou-se e foi ter com o marido à cozinha.

– Eles estão a dormir? – perguntou Patrik, tirando os ingredientes para a sua sanduíche preferida: pão de forma, manteiga, caviar e queijo.

Erica estremeceu, sabendo que o próximo passo do marido seria mergulhar a sanduíche numa chávena de chocolate quente.

– Sim, para variar, consegui que dormissem uma sesta ao mesmo tempo. Fartaram-se de brincar esta manhã, por isso estavam os três exaustos.

– Ótimo – disse Patrik, sentando-se à mesa para comer.

Erica regressou à sala de estar para escrever mais um pouco antes de os filhos acordarem. Horas roubadas. Atualmente, só podia contar com isso.

Estava a sonhar com fogo. Com o terror estampado no rosto, Vincent pressionava o nariz contra o vidro. Por detrás dele, Ebba via as chamas elevarem-se cada vez mais alto. Estavam a aproximar-se dele, chamuscando-lhe os caracóis louros enquanto Vincent gritava silenciosamente. Ebba queria atirar-se ao vidro, estilhaçá-lo para poder resgatá-lo das chamas que ameaçavam engoli-lo. Porém, por mais que tentasse, o corpo recusava-se a obedecer-lhe.

Depois ouviu a voz de Tobias. Recriminadora. Ele odiava-a porque ela não conseguia salvar Vincent, porque estava ali parada a observar enquanto ele era queimado vivo mesmo à frente deles.

– Ebba! Ebba!

A voz dele fê-la tentar novamente. Tinha de correr contra o vidro e parti-lo. Tinha de...

– Ebba! Acorda!

Alguém a puxava pelos ombros forçando-a a sentar-se. Lentamente, o sonho esfumou-se. Ebba queria agarrar-se a ele, atirar-se para as chamas e, talvez, por um momento, abraçar o pequeno corpo de Vincent antes de morrerem os dois.

– Tens de acordar. Há fogo!

De repente, Ebba estava totalmente desperta. O cheiro a fumo irritava-lhe as narinas, fazendo-a tossir tanto que até a garganta lhe doía. Quando olhou para cima viu o fumo ondulante a infiltrar-se no quarto através da porta.

– Temos de sair daqui! – gritou Tobias. – Rasteja por baixo do fumo. Eu vou atrás de ti. Vou ver se consigo apagar o fogo.

Ebba rebolou para fora da cama e caiu no chão. Podia sentir o calor das pranchas do soalho contra a face. Os pulmões ardiam-lhe e sentia-se terrivelmente cansada. Como é que ainda conseguia mover-se? Queria render-se, adormecer. Fechou os olhos e sentiu uma letargia pesada espalhar-se pelo corpo. Ia descansar ali por um momento. Dormir só um bocadinho.

– Levanta-te! Tens de levantar-te! – A voz de Tobias era estridente, despertando-a do seu torpor. Tobias não costumava ter medo de nada, mas estava a puxá-la com força pelo braço, obrigando-a a pôr-se de joelhos.

Relutante, Ebba começou a gatinhar para a frente e o medo apoderou-se dela. Cada vez que respirava sentia mais fumo a encher-lhe os pulmões, como um veneno de ação lenta. Mas preferia morrer por causa do fumo do que por causa do fogo. Imaginar a pele a queimar foi o suficiente para a fazer gatinhar mais depressa para fora do quarto.

De repente ficou confusa. Devia saber o caminho para as escadas, mas era como se o cérebro tivesse parado de funcionar. A única coisa que podia ver era uma espessa névoa cinzenta. Em pânico, recomeçou a gatinhar sempre em frente para, pelo menos, não ficar presa naquela fumaceira.

Quando alcançou as escadas, Tobias passou por ela a correr, empunhando um extintor. Desceu as escadas em três passadas e Ebba ficou a vê-lo afastar-se. Era como no sonho: o seu corpo parecia já não querer obedecer-lhe e as articulações recusavam-se a mexer-se. Desesperada, Ebba deixou-se ficar onde estava, de gatas, enquanto o fumo se tornava cada vez mais espesso. Estava outra vez a tossir. Um ataque de tosse atrás do outro. Lacrimejava e subitamente pensou em Tobias, mas não tinha energia para se preocupar com ele.

Sentiu novamente um impulso irresistível de desistir. De desaparecer, de se libertar da dor que lhe dilacerava o corpo e a alma. Pressentiu que estava prestes a desmaiar, por isso deitou-se, apoiou a cabeça nos braços, e fechou os olhos. Em seu redor era tudo

suave e quente. Um enorme torpor abateu-se novamente sobre ela, acolhendo-a. Não lhe queria fazer mal, queria apenas recebê-la para a curar.

– Ebba! – Tobias puxava-lhe o braço, mas ela resistiu. Queria ser levada para aquele lugar bonito e tranquilo para onde se dirigia. Então sentiu uma bofetada na cara, um golpe que lhe deixou a cara a arder. Confusa, levantou-se e olhou para o rosto de Tobias. O marido tinha uma expressão simultaneamente preocupada e irritada.

– Já apaguei o fogo – disse. – Mas não podemos ficar aqui.

Fez uma tentativa para a levantar, mas Ebba empurrou-o. Ele tirara-lhe a única oportunidade que tivera para descansar desde há muito. Furiosa, Ebba bateu-lhe com os punhos no peito. Era um enorme alívio poder libertar toda a raiva e desilusão, por isso continuou a bater-lhe com quanta força tinha, até que, por fim, Tobias lhe agarrou os pulsos. Segurou-os com firmeza e puxou-a para ele. Pressionou-lhe o rosto contra o peito e abraçou-a. Ebba podia ouvir o coração dele a martelar-lhe o peito e aquele som fê-la chorar. Depois deixou que Tobias a ajudasse a levantar-se. Ele conduziu-a à rua e, quando o ar frio da noite lhe encheu os pulmões, Ebba soltou-se dos braços de Tobias e afundou-se num torpor.



## FJÄLLBACKA, 1908

ELES CHEGARAM DE MANHÃ CEDO. A MÃE JÁ ESTAVA DE PÉ COM OS MAIS PEQUENOS, ENQUANTO DAGMAR PREGUIÇAVA NA CAMA, SABOREANDO O CALOR SOB AS COBERTAS. AQUELA ERA A DIFERENÇA ENTRE SER A FILHINHA DA MAMÃ OU UM DOS BASTARDOS DE QUEM A MÃE TOMAVA CONTA. DAGMAR ERA ESPECIAL.

— O QUE SE PASSA? — GRITOU O PAI DO QUARTO. TANTO ELE COMO DAGMAR TINHAM SIDO DESPERTADOS POR BATIDAS INSISTENTES NA PORTA.

— ABRAM! É A POLÍCIA!

ENTÃO, QUEM QUER QUE FOSSE, TINHA OBTIVAMENTE PERDIDO A PACIÊNCIA, POIS A PORTA ABRIU-SE DE ROMPANTE E UM POLÍCIA FARDADO PRECIPITOU-SE PARA DENTRO DE CASA.

ASSUSTADA, DAGMAR PERMANECER NA CAMA, TENTANDO ESCONDER-SE DEBAIXO DOS COBERTORES.

— A POLÍCIA? — O PAI ENTROU NA COZINHA, ABOTOANDO ATABALHOADAMENTE AS CALÇAS. O PEITO ENCOVADO PONTEADO COM PELOS GRISALHOS. — SE AO MENOS ME DEIXAREM VESTIR UMA CAMISA, TENHO A CERTEZA DE QUE POSSO ESCLARECER TUDO. DEVE HAVER ALGUM MAL-ENTENDIDO. ESTA É UMA CASA DE PESSOAS RESPEITÁVEIS.

— HELGA SVENSSON MORA AQUI? — PERGUNTOU O POLÍCIA. ATRÁS DELE ENCONTRAVAM-SE MAIS DOIS AGENTES. TINHAM DE FICAR MUITO JUNTOS, PORQUE A COZINHA ERA MINÚSCULA E ESTAVA CHEIA DE CAMAS. HAVIA CINCO CRIANÇAS PEQUENAS A VIVER LÁ EM CASA.

— CHAMO-ME ALBERT SVENSSON E HELGA É A MINHA MULHER — DISSE O PAI. JÁ TINHA VESTIDO A CAMISA E CRUZARA OS BRAÇOS.

— ONDE ESTÁ A SUA MULHER? — HAVIA UM TOM DE URGÊNCIA NA VOZ DO POLÍCIA.

DAGMAR VIU O SULCO DE PREOCUPAÇÃO A FORMAR-SE NA TESTA DO PAI. DEIXAVA-SE PERTURBAR COM MUITA FACILIDADE, COMO A MÃE ESTAVA SEMPRE A DIZER. NERVOS À FLOR DA PELE.

— A MAMÃ ESTÁ NO QUINTAL, NAS TRASEIRAS. COM AS CRIANÇAS — DISSE DAGMAR.

SÓ ENTÃO OS POLÍCIAS REPARARAM NELA.

— OBRIGADO — DISSE O AGENTE QUE TINHA FEITO TODAS AQUELAS PERGUNTAS. RODOU NOS CALCANHARES E SAIU.

O PAI SEGUIU-O DE PERTO.

— NÃO PODE ENTRAR ASSIM EM CASA DE GENTE DECENTE, E ASSUSTAR AS PESSOAS DESTA MANEIRA. TEM DE NOS DIZER O QUE SE ESTÁ A PASSAR.

DAGMAR AFASTOU A ROUPA DE CAMA, POUSOU OS PÉS NO CHÃO FRIO DA COZINHA E CORREU ATRÁS DELES, VESTINDO APENAS UMA CAMISA DE NOITE. PAROU ABRUPTAMENTE ATRÁS DOS HOMENS. DOIS AGENTES SEGURAVAM A MÃE PELOS BRAÇOS. ELA DEBATIA-SE PARA SE LIBERTAR E OS POLÍCIAS TINHAM DE FAZER UM ESFORÇO PARA A SEGURAR. AS CRIANÇAS GRITAVAM E A ROUPA QUE A MÃE TINHA ESTADO A PENDURAR NA CORDA CAÍRA NO CHÃO COM TODO AQUELE TUMULTO.

— MAMÃ! — GRITOU DAGMAR, CORRENDO PARA ELA.

DEPOIS ATIROU-SE ÀS PERNAS DE UM DOS POLÍCIAS E MORDEU-O NA COXA. ELE LARGOU HELGA A GRITAR, VIROU-SE E ESBOFETEOU DAGMAR COM TAL VIOLÊNCIA, QUE A ATIROU AO CHÃO. APANHADA DE SURPRESA, DAGMAR DEIXOU-SE FICAR NA RELVA, A MÃO CONTRA A FACE A ARDER. NOS SEUS OITO ANOS DE VIDA NUNCA NINGUÉM LHE BATERA. JÁ TINHA VISTO A MÃE DAR PALMADAS ÀS CRIANÇAS DE VEZ EM QUANDO, MAS NUNCA LHE LEVANTARA A MÃO A ELA. POR ESSA RAZÃO, O PAI TAMBÉM NUNCA SE ATREVERA A BATER-LHE.

— O QUE É QUE ESTÁ A FAZER?! A BATER NA MINHA FILHA? — HELGA PONTA-PEAVA O HOMEM, FURIOSA.

— ISSO NÃO É NADA, COMPARADO COM O QUE A SENHORA FEZ! — O AGENTE AGARROU NOVAMENTE O BRAÇO DE HELGA. — É SUSPEITA DE TER MATADO UMA CRIANÇA E TEMOS O DIREITO DE REVISTAR A SUA CASA. E ACREDITE, PRETENDEMOS SER MINUCIOSOS NESSA TAREFA!

DAGMAR REPAROU QUE A MÃE PARECIA TER-SE DESMORONADO. A CARA AINDA LHE DOÍA COMO SE ESTIVESSE A PEGAR FOGO E O CORAÇÃO BATIA-LHE ACELERADAMENTE NO PEITO. À SUA VOLTA, AS CRIANÇAS GRITAVAM COMO SE FOSSE O DIA DO JUÍZO FINAL. E SE CALHAR ERA. PORQUE EMBORA DAGMAR NÃO CONSEGUISSSE COMPREENDER O QUE ESTAVA A ACONTECER, A EXPRESSÃO NO ROSTO DA MÃE DIZIA-LHE QUE O SEU MUNDO TINHA RUÍDO.



– Patrik, podes dar um salto a Valö? Telefonaram por causa de um incêndio na ilha e suspeitam de mão criminosa.

– O quê? Desculpa, o que é que disseste?

Patrik já estava a saltar da cama, prendendo o telefone entre a orelha e o ombro enquanto vestia umas calças de ganga. Ainda ensonado, olhou para o relógio. 7h15. Por um segundo perguntou-se o que estaria Annika a fazer na esquadra àquelas horas.

– Houve um incêndio em Valö – repetiu pacientemente Annika. – Os bombeiros foram chamados de manhã bem cedo e suspeitam de que possa ser fogo posto.

– Em que sítio de Valö?

Erica virou-se na cama.

– O que é que se passa? – murmurou.

– Trabalho. Tenho de ir a Valö – sussurrou ele. Exceccionalmente, já passava das seis e meia e os gémeos ainda dormiam, por isso não queria acordá-los.

– Na colónia balnear – respondeu Annika ao telefone.

– *Okay*. Levo o barco e dou lá um salto. Vou telefonar ao Martin. Também está de serviço hoje, não está?

– Exato. Até logo. Depois encontramos-nos todos na esquadra.

Patrik terminou a chamada e vestiu uma *T-shirt*.

– O que aconteceu? – perguntou Erica, sentando-se na cama.

– Os bombeiros suspeitam de que alguém pegou fogo à antiga colónia balnear.

– À colónia balnear? Alguém tentou incendiá-la? – Erica girou as pernas sobre a borda da cama.

– Prometo contar-te tudo mais tarde – disse Patrik com um sorriso. – Sei que é um dos teus projetos de estimação.

– Que estranha coincidência, tentarem pegar fogo à colónia logo agora que a Ebba voltou a morar lá.

Patrik abanou a cabeça. Sabia por experiência própria que a mulher gostava de se meter em assuntos que não lhe diziam respeito. Estava constantemente a tirar conclusões bizarras. Era verdade que, ocasionalmente, Erica acabava por ter razão, a maior parte das vezes, Patrik tinha de admiti-lo, mas por vezes também confundia tudo.

– A Annika disse-me que suspeitam de fogo posto. Por enquanto é tudo o que sabemos. Mas podemos vir a concluir que essa suspeita não tem fundamento.

– Mesmo assim – disse Erica. – É estranho que tenha acontecido agora. Posso ir contigo? De qualquer maneira tinha planeado ir lá para conversar com a Ebba.

– E quem toma conta dos miúdos? Já pensaste nisso? Acho que a Maja ainda é demasiado nova para aquecer o biberão aos irmãos.

Patrik beijou Erica no rosto e depois desceu apressadamente as escadas. Atrás de si, começou a ouvir os gémeos a chorar; mesmo na hora certa.

Patrik e Martin trocaram apenas algumas palavras a caminho de Valö. A sugestão de que podia tratar-se de fogo posto era ao mesmo tempo perturbadora e inverosímil. À medida que se aproximavam da ilha e avistavam aquele cenário idílico, parecia-lhes ainda mais improvável.

– Isto é lindíssimo! – exclamou Martin, admirando a ilha enquanto subiam o caminho desde o cais onde Patrik amarrara o barco.

– Já tinhas estado cá, não tinhas? – perguntou Patrik sem se virar. – Pelo menos naquele Natal.

Martin murmurou algo em resposta. Não queria que lhe recordassem aquele Natal fatídico em que tinha sido arrastado para um drama familiar na ilha.

Uma vastidão de relva estendia-se diante deles. Pararam para admirar a paisagem.

– Tenho algumas memórias maravilhosas desta ilha – disse Patrik. – Costumávamos vir aqui em visitas de estudo algumas vezes por ano e também no verão, quando frequentava o acampamento de vela. Fartei-me de jogar futebol neste relvado. E também joguei muitas vezes críquete.

– Eu sei. Quem é que não frequentou esses acampamentos? É estranho designarem-nos sempre por colónia balnear.

Patrik encolheu os ombros e começou a subir o caminho para a casa.

– Suponho que o nome pegou. Só foi um colégio interno durante pouco tempo e ninguém quis dar-lhe o nome do velho Von Schlesinger, que viveu aqui antes.

– Ah, pois é. Ouvi falar desse maluco – disse Martin, praguejando quando um ramo o atingiu no rosto. – Quem é agora o dono da ilha?

– Creio que agora pertence ao casal que cá mora. Depois do que aconteceu em 1974, tem sido administrado pela câmara municipal, tanto quanto sei. É pena que tenham deixado a casa degradar-se tanto, mas parece que estão a começar a recuperá-la.

Martin ergueu os olhos para o andaime que cobria toda a fachada do edifício.

– Parecem estar muito empenhados. Espero que o incêndio não tenha provocado muitos danos.

Percorreram o caminho até às escadas de pedra que conduziam à porta da frente. Os Bombeiros Voluntários de Fjällbacka estavam a recolher o equipamento, trabalhando de modo calmo e metódico. «Devem estar a suar brutalmente naqueles fatos pesados», pensou Patrik. O calor já era opressivo, apesar de ainda ser muito cedo.

– Olá! – Östen Ronander, o chefe dos bombeiros aproximou-se e cumprimentou-os com um aceno de cabeça. Tinha as mãos negras de fuligem.

– Olá, Östen. Então, o que aconteceu aqui? A Annika disse-me que suspeitam que o incêndio possa ter tido mão criminosa.

– É o que parece. Mas não estamos habilitados a tirar essas conclusões. Esperemos que o Torbjörn não demore.

– Telefonei-lhe quando vínhamos a caminho e contam estar aqui dentro de... – Patrik olhou para o relógio. – Cerca de meia hora.

– Ótimo. Entretanto, querem que vos mostre como isto ficou? Tentaremos não perturbar nada. O proprietário já tinha apagado as chamas com um extintor quando chegámos, por isso só tivemos de fazer o rescaldo, para nos certificarmos de que não há reacendimentos. Não havia muito mais a fazer. Olhem para ali...

Östen apontou para o vestíbulo. Do outro lado da soleira da porta, o soalho estava queimado num padrão estranho e irregular.

– Deve ter sido algum tipo de líquido inflamável, não te parece? – perguntou Martin, olhando para o chefe dos bombeiros.

Östen assentiu.

– Diria que alguém entornou o líquido por baixo da porta e depois pegou-lhe fogo. A julgar pelo cheiro, diria que foi gasolina, mas tenho a certeza de que o Torbjörn e os seus rapazes vão ser capazes de nos dizer o que aconteceu ao certo.

– Onde estão as pessoas que vivem aqui?

– Estão sentadas lá atrás à espera da equipa médica, que infelizmente está atrasada por causa de um acidente de viação. Ambos parecem estar em estado de choque e achei que seria bom dar-lhes um pouco de paz e sossego. Também pensei que era melhor não os deixar andar pela casa antes de vocês poderem recolher eventuais provas.

– Bem pensado. – Patrik deu-lhe uma palmadinha no ombro e, em seguida, virou-se para Martin: – Vamos falar com eles?

Sem esperar por uma resposta, Patrik dirigiu-se às traseiras da casa. Quando viraram a esquina, avistaram alguns móveis não muito longe. As cadeiras e a mesa estavam muito gastas, como se tivessem estado anos e anos ao sabor das intempéries. Sentados à

mesa estavam um homem e uma mulher, ambos na casa dos trinta e ambos de olhar perdido. Quando o homem viu Patrik e Martin levantou-se e foi cumprimentá-los, estendendo a mão, que era forte e calejada, como se estivesse habituada a trabalhar com ferramentas.

– Tobias Stark.

Patrik e Martin apresentaram-se.

– Não percebemos o que aconteceu. Os bombeiros falaram em fogo posto. Será possível? – perguntou a mulher de Tobias, que se tinha aproximado e juntado ao marido. Era magra e baixa. Embora Patrik fosse apenas de estatura mediana, aquela mulher mal lhe chegava aos ombros. Parecia delicada e frágil e, apesar do calor, estava a tremer.

– Isso não é necessariamente verdade. Ainda não temos a certeza de nada – disse Patrik para os tranquilizar.

– Esta é a minha mulher, a Ebba – disse-lhes Tobias, que esfregou o rosto com a mão num gesto cansado.

– Que tal sentarmo-nos? – disse Martin. – Gostávamos que nos falassem um pouco mais do que aconteceu.

– Claro. Podemos sentar-nos ali – afirmou Tobias, apontando para a mesa e as cadeiras.

– Quem se apercebeu do fogo? – perguntou Patrik quando já estavam todos sentados. Observava Tobias, que tinha uma mancha escura na testa. Tal como Östen, tinha as mãos negras de fuligem.

Reparando na direção do olhar de Patrik, Tobias olhou para as mãos. Parecia ainda não se ter apercebido de como estavam sujas. Passou alguns momentos a limpá-las às calças antes de responder à pergunta.

– Fui eu. Acordei e senti um cheiro estranho. Assim que percebi que havia um incêndio no rés do chão, fui acordar a Ebba. Demorou alguns minutos, porque estava a dormir profundamente, mas depois acabei por conseguir tirá-la da cama. A seguir fui a correr buscar o extintor. Só pensava numa coisa: apagar o fogo. – Tobias falou tão depressa que ficou com falta de ar e teve de fazer uma pequena pausa.

– Pensei que ia morrer. Estava absolutamente convencida disso – afirmou Ebba, retirando uma cutícula de uma unha. Patrik lançou-lhe um olhar compassivo.

– Peguei no extintor e despejei-o sobre as chamas do vestíbulo como um louco – prosseguiu Tobias. – A princípio não aconteceu nada, mas continuei a vaziar o extintor. De repente, as chamas apagaram-se. Mas ainda havia muito fumo. Havia fumo por toda a parte – mais uma vez, Tobias teve de parar para recuperar o fôlego.

– Porque é que alguém ia... Não percebo – disse Ebba com ar vago, e Patrik suspeitou que Östen tinha razão: aquela mulher estava em estado de choque. Isso também explicava porque é que tremia como se estivesse gelada. Quando os médicos chegassem, iam ter de prestar especial atenção a Ebba e também certificar-se de que nem ela nem Tobias sofriam os efeitos da inalação de fumo. Há muita gente que não percebe que o fumo pode ser mais mortífero do que o próprio fogo. Inspirar fumo profundamente pode ter consequências que só mais tarde se revelam.

– Porque é que os bombeiros acham que foi fogo posto? – perguntou Tobias, esfregando novamente o rosto. Patrik presumiu que o homem não tinha dormido muito.

– Como eu disse, de momento não temos certezas – respondeu evasivamente Patrik. – Mas há certos indícios. Não quero alongar-me mais antes de os técnicos poderem confirmar as nossas suspeitas. Algum dos dois ouviu algum barulho a meio da noite?

– Não. Como eu disse, quando acordei, o fogo já tinha começado.

Patrik apontou para uma casa a curta distância.

– Os vossos vizinhos estão em casa? Poderiam ter reparado em algo estranho?

– Estão de férias. Somos os únicos habitantes desta parte da ilha.

– Há alguém que possa querer fazer-vos mal? – perguntou Martin. Deixava frequentemente Patrik encarregar-se do interrogatório, mas ouvia atentamente e observava as reações das pessoas com quem falavam. E isso era tão importante quanto fazer as perguntas.

– Não, que eu saiba, não. – Ebba abanou a cabeça.

– Não vivemos cá há muito tempo. Apenas há dois meses – disse Tobias. – Esta casa pertencia aos pais da Ebba, mas esteve alugada durante muitos anos e a minha mulher nunca mais cá veio. Decidimos remodelar a casa, pô-la como deve ser.

Patrik e Martin trocaram um rápido olhar. A história daquela casa e da família de Ebba era bem conhecida na região, mas aquele não era o momento certo para lhe fazer referência. Patrik estava satisfeito por Erica não ter vindo com eles. Não teria sido capaz de conter-se.

– Onde moravam antes? – perguntou Patrik, embora tivesse um bom palpite, tendo em conta o sotaque característico de Tobias.

– Nascidos e criados em Gotemburgo – respondeu Tobias.

– E não há desavenças antigas por sanar com alguém de lá?

– Nunca tivemos quaisquer problemas com ninguém em Gotemburgo; nem em qualquer outro sítio, diga-se de passagem – respondeu secamente Tobias.

– Então porque decidiram mudar-se para cá? – perguntou Patrik.

Ebba olhou fixamente para a mesa enquanto tocava num pingente pendurado numa corrente em torno do pescoço. Um anjinho singelo de prata.

– O nosso filho morreu – afirmou, puxando com tanta força pelo anjo que a corrente lhe ficou marcada no pescoço. Precisávamos de mudar de cenário – disse Tobias. – Deixaram esta casa degradar-se e nunca mais ninguém se importou. Encarámos isso como uma oportunidade para começarmos de novo. Pertencemos a uma família ligada à hotelaria, por isso pareceu-me natural montarmos o nosso próprio negócio e abriremos uma pousada. Com o tempo, esperamos conseguir atrair pessoas que participam em conferências e coisas assim.

– Vão ter muito trabalho pela frente – disse Patrik, olhando para a casa grande com a pintura a descascar. Optou deliberadamente por não fazer perguntas sobre o filho morto. A dor nos rostos daquele casal era demasiado óbvia.

– Não temos medo de trabalhar no duro. E vamos continuar até aguentarmos. Se nos faltarem as forças, podemos sempre contratar alguém para ajudar, mas precisamos de poupar dinheiro. Já assim vai ser difícil começar a ter lucro.

– Portanto, não lhe ocorre que possa haver alguém a querer fazer-vos mal aos dois ou prejudicar o vosso negócio? – insistiu Martin.

– Negócio? Que negócio? – perguntou Tobias com uma risada sarcástica. – Mas não. Como já lhe disse, não conseguimos pensar numa única pessoa que pudesse ter feito uma coisa destas. Não somos de arranjar problemas. Somos perfeitamente normais.

Patrik pensou por um momento no passado de Ebba. Não havia muitas pessoas perfeitamente normais que tivessem um trágico mistério daqueles no seu passado. Corriam vários rumores em Fjällbacka sobre o que acontecera à família de Ebba.

– A não ser que... – Tobias lançou um olhar de relance inquisitivo a Ebba, que não pareceu entender o que o marido estava a insinuar. Com os olhos fixos nela, Tobias acrescentou: – A única coisa que me ocorre é o postal de parabéns.

– O postal de parabéns? – repetiu Martin.

– Desde pequena que, em cada aniversário, Ebba recebe um postal de alguém que simplesmente assina «G». Os pais adotivos nunca descobriram quem enviava os postais. Mas continuaram a chegar, mesmo depois de Ebba ter saído de casa dos pais.

– E a Ebba não faz ideia de quem possa ser? – perguntou Patrik antes de se aperceber de que estava a falar como se Ebba não estivesse presente. Virou-se para ela e repetiu a pergunta: – Não faz ideia de quem lhe anda a enviar esses postais?

– Não.

– E os seus pais adotivos? Tem a certeza de que não sabem de nada?

– Não fazem a mais pequena ideia.

– Esse tal «G» já tentou entrar em contacto consigo de alguma outra maneira? Já foi ameaçada?